

## O Elogio da Sedentarização na Viagem Contemporânea

Maria João Castro – IHA/EAC

*Virá um tempo em que será um tédio viver na Terra,  
quando a tiverem tornado igual de uma ponta à outra,  
e quando nem sequer pudermos tentar viajar  
para nos distrairmos um pouco.*  
Pierre Loti

A relação entre a viagem e a utopia tem vindo a desenvolver-se desde tempos remotos mas foi no último século que o seu diálogo se redefiniu a partir de um novo paradigma: o da viagem sedentária.

Na verdade, desde a antiguidade que o homem teve tendência para perspectivar o mundo de acordo com parâmetros alheios à realidade empírica. A arte de inventar constitui, por isso, um dos traços fundamentais do espírito helénico. Essa notável capacidade de efabulação, só superada pela dos povos orientais, revelou-se sobretudo, através de manifestações literárias de teor mítico, utópico e paradoxográfico. Nessa época, e na sequência das conquistas de Alexandre (356-323 a.C.), uma *élite* culta manifestou um gosto acentuado por longas distâncias, por itinerários longínquos. Começou então a despontar uma genealogia de escritos de viagem em direcção a lugares imaginários, que se situam frequentemente em “*lugar nenhum*”, ou seja, para o território da utopia, como a etimologia da palavra claramente indica<sup>1</sup> e que apenas existem, quando muito, no território da literatura e, ocasionalmente, da filosofia e da política.

No longo processo que constitui a Modernidade, a construção recíproca do Velho e do Novo Mundo teve como um de seus principais agentes o viajante, sob as mais variadas roupagens: conquistador, aventureiro, missionário, comerciante ou peregrino. Movido sempre por um projeto, de certa forma utópico, traria na sua bagagem imagens, fragmentos de discursos e relatos que se entrelaçavam na voz desse novo narrador, articulando ou reinventando representações que se incorporariam mais cedo ou mais tarde ao imaginário coletivo. Nesta perspectiva, a viagem adquire uma dimensão ontológica, iniciática e onírica que tem vindo a ganhar um novo fôlego no início do século XXI, época em que se discutem os próprios conceitos de civilização e

---

<sup>1</sup> “Em lugar nenhum”; “em parte alguma”.

barbárie, onde grassa miséria e desencanto, e se apregoa o neoconformismo a partir da alegada morte das utopias.

Como no modelo legado por Thomas More (1478-1535), e talvez porque na viagem real cabem inúmeras viagens ideais, o distanciamento crítico face a sociedade distópica<sup>2</sup>, identificada com a civilização ocidental, fez com que uma parte da população procura-se na viagem simultaneamente busca e fuga. O longo caminho percorrido desde a *Odisseia* de Homero, passando pelos relatos de viagens de carácter histórico-etnográfico, conduziram aos actuais destinos turísticos publicitados montras das agências de viagem que respondem aos desejos do Homem do século XXI, em constante questionamento face à incerteza do mundo contemporâneo. Endereços de perfeição e felicidade que permitem “a fuga” para o lugar ideal, eles realizam a suprema utopia da viagem contemporânea: o apelo do exótico, da defesa dos valores das sociedades tradicionais, a procura do paraíso perdido, de felicidade em comunhão com a natureza e até mesmo o turismo de voluntariado, são apenas alguns dos *slogans* com que os operadores turísticos publicitam os seus destino-maravilha. Anunciando uma experiência singular, e baseando-se na valorização e na ilusão de novas sensações e experiências que afastam momentaneamente o indivíduo do seu quotidiano marcado por uma sociedade global onde a guerra, a destruição, a violência e as desigualdades sociais de uma sociedade em crise proliferam, a viagem prometida responde ao desejo e à necessidade de pausa e abandono, e, ainda que temporariamente, das problematizações da vida pós-moderna.

Paralelamente, aparece-nos a viagem para lá do plano físico e que pode servir de ponto de partida para uma outra, mais íntima e recôndita: a viagem iniciática do Homem em busca de si próprio, de retorno a uma origem e a uma comunhão assente na descoberta de si mesmo, via e garante de uma aproximação à felicidade e perfeição, que, como se sabe, são duas características comuns a que todo o projecto utópico pretende alcançar. Neste ponto, importa abrir um pequeno parêntesis pois, na verdade, sobretudo a partir dos séculos XVIII-XIX, quando o mundo havia sido praticamente cartografado na sua totalidade, a descoberta do espaço geográfico deu lugar à descoberta do espaço interior, à introspecção do indivíduo face ao incomensurável Mundo Novo. Fechado o círculo dos Descobrimentos e Explorações, e

---

<sup>2</sup> Assente num processo discursivo baseado numa ficção cujo valor representa a antítese da utopia, e geralmente caracterizadas por totalitarismos e autoritarismos de várias espécies que controlam e oprimem a sociedade.

na sua forma circular, impôs-se o regresso do sujeito ao ponto de origem, dando-se, depois da evolução e transformação originada pela viagem, a confrontação com o antigo *Eu*. Esse percurso interior a partir do espaço exterior, tem vindo nos últimos cem anos a ser desenvolvido com bastante vigor dentro dos campos da psicologia, antropologia, sociologia e neurociência, ainda que se apresente lateral ao que nos propomos reflectir, e que é o da viagem efectiva.

Fechado o parêntesis, retomamos o próprio conceito da viagem, que, segundo a perspectiva de alguns autores, nomeadamente Jean-Didier Urbain<sup>3</sup>, se define a partir de um percurso geográfico e referencial que implica necessariamente uma deslocação no espaço e num tempo. No último século, estas balizas espaço-temporais viram surgir um progresso desenfreado que introduziu um novo factor: a velocidade. Na realidade, foi ela que, dentro do universo da viagem, provocou não só uma redução de distâncias e do tempo de deslocação, como uma urgência constante de mudança. Ora é precisamente na vertente da “mudança de ares” que se inscreve uma das vertentes da viagem actual: apressada, superficial, utópica no sentido da procura de um paraíso que seja garante de uma “certa” felicidade momentânea. Há mesmo autores que defendem que a viagem aérea não é uma “verdadeira” viagem, uma vez que impossibilita a vivência do percurso e da distância. É o caso de D. J. Boorstin que, na sua obra *Les Découvreurs*, afirma a propósito do turista: “Ele atinge o destino, sem fazer a experiência de viagem. Para ele, é sempre a mesma coisa: apenas vai de um ponto a outro”<sup>4</sup>.

Já que a experiência da vivência da travessia se encontra vedada ao turista apressado, resta então concentrar-se na segunda etapa: o destino. Mas será que a standardização das unidades hoteleiras, a vulgarização do conforto, a homogeneização da gastronomia e dos circuitos, a diluição de crenças e tradições que possam “reavivar” as sensações de um quotidiano moderno global cada vez mais análogo, não “mataram” já o genuíno de cada destino? Profetizando uma certa viagem normalizada e asséptica, Pierre Loti (1850-1923) escreveu no final do século XIX: “Virá o tempo em que será um tédio viver na Terra quando a tiverem tornado igual de uma ponta à outra, quando nem sequer pudermos tentar viajar para nos distrairmos um pouco”<sup>5</sup>.

## IMAGEM 1

---

<sup>3</sup> Jean-Didier Urbain, *L'idiote du voyage, Histoires de Touristes*, Éditions Payot et Rivages, Paris, 2009

<sup>4</sup> D. J. Boorstin, *Les Découvreurs*, Seghers, Paris, 1986, p. 125

<sup>5</sup> Pierre Loti, *Un pèlerin d'Angkor*, Éditions Kailash, Paris, 2004, s.p.

Há quem defenda que a globalização “aniquilou” toda a especificidade do propósito de viajar; há também quem diga que esta uniformização corrigiu assimetrias elevando a qualidade e comodidade da oferta; mas o que não se pode deixar de reconhecer é que quanto mais a sociedade global se desloca – comprando destinos de maravilha – menos percebe a gênese do encanto único desses lugares. Isso significa que, quanto mais se massifica a viagem, menos disposição existe para absorver o espaço na sua plenitude, porque há sítios que possuem o condão de transformar os visitantes. As razões talvez residam na falta de tempo, na sobre-informação que deixa pouca margem para a surpresa ou o inesperável, na indisponibilidade do Homem contemporâneo de se “abandonar”, dando-se com intenção à descoberta e à aprendizagem que a viagem lhe pode proporcionar.

Como se sabe, é Thomas More que funda a tradição do género utópico em 1516, ao referir-se na obra *Utopia* a uma sociedade imaginária, localizada numa ilha que, isolada na sua perfeição, se encontra parada no tempo. Na sua narrativa, More faz uma descrição detalhada e sistemática da geografia do lugar, da sua organização social, política, económica e religiosa, apresentando um ideal de perfeição absoluta e felicidade e onde sobressai a esperança no ser humano e na sua capacidade de reformar a sociedade em que vive. Essa viagem utópica de More serve de caminho, de guia para a viagem iniciática que está, em grande medida, associada à busca do “Paraíso Perdido” e que, no século XIX/XX, teve em Paul Gauguin (1848-1903) um acérrimo precursor. Com efeito, o pintor francês conseguiu, mais do que qualquer outro artista, viver a existência que evocou na sua obra. As viagens, a errância na procura de um estilo mais primitivo e expressivo, levou-o a explorar-se a si próprio e a criar a sua própria lenda: a do homem que foge da sociedade “dita desenvolvida” para reencontrar, num lugar não corrompido pelo progresso, ou seja, a autenticidade primitiva e o paraíso perdido, e é este o tema central da poética de Gauguin, aí residindo toda a sua modernidade. Esta procura de “um novo sentido de vida” significam uma insatisfação e um desencanto, que se traduzem por um cansaço, um descrédito relativamente à civilização ocidental que caminha numa direção que já não preenche os seus desejos. Instalado nos Mares do Sul, Gauguin enamora-se da vida simples, procurando a realidade profunda do próprio ser, explorando-se para descobrir as origens mais profundas. Captando a espontaneidade intuitiva da arte primitiva, ele simplificou as formas e a temática reduzindo-a a representações quase iconográficas, plenas de valor simbólico, pois para o artista

francês a renovação da arte e da civilização ocidental só podia vir dos primitivos. A ideia não era nova em si: tinha tido origem no mito romântico do *Bom Selvagem*, propagado pelos iluministas, um século antes; a sua última fonte remonta à antiquíssima tradição, de um paraíso terrestre, onde o Homem viveu – e poderia talvez viver – num estado natural e inocente. Com efeito, a sua peregrinação para o Pacífico Sul teve mais do que um significado puramente pessoal; ela simboliza o fim de quatrocentos anos de expansão colonial que subjugara toda a terra ao poder do Ocidente. A sua modernidade reside no facto de, ao largar tudo, ao autoexilar-se, repetir de uma forma radical o que os pintores da *École de Barbizon* haviam feito, ainda que de uma maneira diferente: a fuga<sup>6</sup>, só que nenhum artista tinha até então levado essa premissa tão longe.

O exemplo de Gauguin, o abandono da “sociedade desenvolvida”, ou se quisermos, da contaminada civilização do Velho Continente e a procura do paraíso terrenal numa ilha longínqua, remete-nos, em última análise, para o escrito de Thomas More, repetido ao longo do século XX por toda uma série variada de artistas. É verdade que a Antiguidade Grego-Latina já nos brindara com relatos de uma época em que os humanos viviam como deuses, felizes e longe do mal: Hesíodo<sup>7</sup>, mas também Ovídio<sup>8</sup> e Virgílio<sup>9</sup> exprimem a nostalgia do paraíso perdido. Mas será só em pleno século XX que esta dinâmica se implantará como meio de fuga a mundo global cada vez mais distante do conjunto de valores necessários a uma experiência vivencial dignificante e profícua.

Todavia, no início do século XXI, não se assistiu apenas a uma procura do “Paraíso Perdido”, que todo o cenário enunciado atrás dinamiza; um outro factor tem vindo a incrementar-se com relativo sucesso e que definiríamos como “miopia viática”. Isto significa que, uma parte dos potenciais turistas/viajantes possui uma perturbação, não visual mas sensitiva e de vontade, que os impede de quer ir *ao* longe. Nesse sentido, estes “viajantes de sofá” deslocam-se no sentido figurado, a partir de um livro, do ecrã do computador, da televisão, do vídeo, do *tablet* ou do telemóvel. Estes anti-viajantes militantes elogiam o sedentarismo como única forma de verdadeiramente apreender o mundo, reconhecendo que, desiludidos e/ou extenuados com uma mobilidade factícia, a deslocação se mostra como uma perda de tempo face à alternativa sedentária de

---

<sup>6</sup> No caso dos pintores de Barbizon a fuga deu-se para o campo e os arredores de Paris. No caso de Gauguin a fuga deu-se primeiro para o campo da Provence francesa e depois para as ilhas do Pacífico Sul.

<sup>7</sup> Hésíade, *Les Travaux et les Jours*, Société d'Édition “Les Belles Lettres”, Paris, 1979, pp. 106-126

<sup>8</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, Cotovia, Lisboa, 2007, pp. 89-112

<sup>9</sup> Virgílio, *Éclogas*, Bertrand, Lisboa, 1901, pp. 37-45

descobrir o mundo a partir de casa. Na verdade, nunca como agora, o acesso à informação foi tão completo e dinâmico, ainda que haja que ressaltar que só este factor não chega para justificar uma adesão com tanto sucesso; é preciso não esquecer que, a homogeneização da sociedade contemporânea atrás enunciada tende a assemelhar os destinos entre si, corrigindo assimetrias e, conseqüentemente, descaracterizando-os e despojando-os da sua natureza intrínseca, o que se torna num factor desmotivante para sair do conforto do lar.

Dentro do âmbito acima configurado, surge “Viajante no quarto”<sup>10</sup>, onde Des Esseines é herdeiro de Diderot (1713-1784) e de Rousseau (1712-1778), viajantes desenganados e cansados da época das Luzes, que consideravam a deslocação uma perda de tempo e a leitura uma alternativa efectiva à mobilidade física. Béat de Muralt escreveu mesmo que “é o livro que abre a verdadeira aventura humana, porque viajar é ler, ler é viajar. Contentai-vos com a viagem na literatura. Com a viagem objectiva arriscaí-vos a perder a vossa identidade”<sup>11</sup>. Também era esta a opinião de Immanuel Kant (1724-1804), que nunca saiu da cidade de Königsberg. Mas já Xavier de Maistre (1763-1852) e Blaise Pascal (1623-1662) haviam escrito tempos antes, algo semelhante.

A mais célebre dessas apologias é, sem dúvida, a de Maistre, na sua obra *Viagem à Volta do Meu Quarto*, publicada em 1794. À luz do presente, o texto soa como um desafio a esta época conturbada, uma ironia na arte de viajar. O autor apresenta-se como um recluso semi-voluntário que deseja escapar ao tumulto da Europa, propósito aliás que reitera num segundo ensaio intitulado *Expedição nocturna à volta do meu quarto*, de 1825. Na realidade, era o oposto de um sedentário: nascido na Sabóia, viveu em Moscovo e depois em S. Petersburgo e a sua defesa da viagem à volta do quarto não foi mais do que a constatação do seu distanciamento político e, simultaneamente, uma postura filosófica muito na linhagem de Pascal. No seu texto, Maistre defende o direito à viagem imaginária dentro do quarto, dirigindo-se a todos os que dispõem apenas desse horizonte: os pobres, os doentes e os “entediados do universo”. Vestido com o seu “traje de viagem” – o roupão – passa em revista as estampas e os quadros do aposento, evocando a vista da janela que lhe proporciona uma certa percepção do exterior.

---

<sup>10</sup> Daniel Roche, *Humeurs vagabondes*, Fayard, Paris, 2003, cap. 2, “Le voyageur en chambre”, pp. 95-136, sobre Xavier de Maistre e os seus numerosos imitadores, citado por Michelle Perrot in *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, 2012, p. 107

<sup>11</sup> *Lettres sur les voyages*, citado por Michelle Perrot in *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, 2012, p. 107

Num elogio análogo, Pascal afirmaria nos seus *Pensées*: “Toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa; de não saber ficar quieto num quarto”<sup>12</sup>. Uma ironia para quem gosta de viajar, um desafio em experienciar que a saída de um quarto permite que o indivíduo se abra ao mundo, provocando inquietações inesperadas.

As possibilidades do mundo contemporâneo e, nomeadamente, da internet, reconfiguraram a maneira como se utiliza o espaço e o tempo e, conseqüentemente, alterou a necessidade da viagem real. É isso que se aúfere do depoimento de François Bom, onde o autor afirma não voltar as costas ao mundo, mas apenas acolhê-lo no ecrã. Segundo Bom, “os nossos espaços imaginários tornam-se acessíveis a partir da mesa e só sente um desejo: ficar aqui, com os meus livros e o meu ecrã”<sup>13</sup>.

## IMAGEM 2

Esta recusa em partir para um qualquer destino preferindo o aconchego do lar, deve-se a um outro factor de não somenos importância: o de que a viagem turística se apresentar hoje como “um toca e foge”, mostrando a indisponibilidade do visitante e a sua falta de vontade genuína de conhecer “o outro”. Ora é justamente neste quadro que há que situar o palimpsesto da sociedade contemporânea, e toda a visão macroscópica que nele se dilui. O seu significado não pode deixar de merecer atenção e talvez seja mesmo necessário debruçarmo-nos um pouco sobre ele para entendermos o alcance da sua expressão e dos seus reflexos. Na realidade, o início do século XXI apresenta-se cheio de paradoxos, senão vejamos: a ideia da sociedade global aponta para uma concepção macroscópica mas nunca como agora, se teve a percepção dos diversos fragmentos de que ela se compõe. Isso fez com que, o universo da viagem se tenha dividido entre, indivíduos que viajam porque sentem essa necessidade e, outros que, pura e simplesmente, se recusam a deslocar-se no espaço. Se, sobre o primeiro grupo existe uma informação diversificada, já sobre o segundo, os estudos encontram-se dispersos, apresentando-se como parcelas indefinidas de um puzzle em constante mutação. Mas é precisamente no segundo grupo que encontramos os elogiadores do sedentarismo da viagem contemporânea, e portanto é sobre eles que nos debruçamos. Na verdade, verifica-se hoje dentro da sociedade contemporânea, a existência de um núcleo que se recusa a sair, apontando como causa o “déjà vu” de um mundo, que conhece confortavelmente, a partir de um ecrã. Esta espécie de “miopia” a que atrás nos

<sup>12</sup> Blaise Pascal, *Pensées*, Éditions Gallimard, France, 1977, fragment 126, p. 118

<sup>13</sup> *Libération*, 9.9.2001, citado por citado por Michelle Perrot in *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, 2012, p. 109

referimos, e que se caracteriza pela vontade de ver o mundo “ao longe”, defende os seus utilizadores dos perigosos imprevistos mas esta explicação encontra-se longe de sintetizar toda a problemática; existe uma outra vertente, bem mais subjectiva e complexa que aponta no sentido de um “cansaço” efectivo de informação, o que leva os indivíduos a acharem que já conhecem suficientemente bem o mundo, mesmo que nunca tenham saído do seu quarteirão. Esta apologia, iniciada pelo já referido Xavier de Maitre, é hoje uma posição comum, de resistência – se quisermos –, à mobilidade desenfreada e superficial com que o final do século XX e o início do século XXI nos tem brindado.

Representada de forma espiralar, o elogio da sedentarização ajuda o regresso do sujeito à origem, sem sair de casa. A sua evolução e transformação acontece a partir do recurso a técnicas de multiplicação, acumulação e cruzamento de mundos e de discursos semióticos diferentes, de diálogo intertextual e que se faz oscilar entre o mundo físico exterior e o interior, oferecendo-se a inúmeras possibilidades.

Se é certo que a utopia é inerente à condição humana, não é menos verdade que quando um sonho utópico se começa a desvanecer, logo outro parece germinar. É essa a condição do Homem, face à Vida. Num elogio à sedentarização de uma parte do mundo actual, a primazia do recolhimento, do silêncio, sem deixar de enaltecer a sonoridade contemporânea, o hibridismo desta posição revela um universo cheio de possibilidade, uma vez que depende tão-somente, da criatividade de cada um.

Se é a viagem que suporta as várias narrativas da utopia/miopia, é igualmente certo que a sua concretização nos remete muitas vezes para aquilo a que Marc Augé chamou de “não-lugares”. No seu ensaio<sup>14</sup>, o etnólogo francês aponta para os lugares onde, cada vez mais, se cruzam destinos irrequietos e perdidos, numa experiência crua de solidão disfarçada pela aparência de uma superabundância de comunicações, afinal apenas fingidas. Augé alude ainda para estes “não-lugares” como espaços de anonimato que acolhem indivíduos de dia para dia mais numerosos; espaços públicos de passagem – auto-estradas, aeroportos, cadeias de hotéis, etc. –, como lugares diametralmente opostos ao lar, à residência e ao espaço personalizado. Propondo uma antropologia da sobre-modernidade, abrem-se novas perspectivas que nos introduzem ao que se poderia designar por uma etnologia da solidão. Augé designa estes espaços de passagem de

---

<sup>14</sup> Marc Augé, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Graus Editora, Lisboa, 2005

incapazes de dar forma a qualquer tipo de identidade, simples lugares de deriva e/ou espera, que impossibilitam uma apropriação real, porque se vivem na efemeridade da transição. O investigador francês conclui que, em breve, a deslocação não será mais do que “uma sombra, um rumor, um ruído e que esta abolição do lugar é também o cúmulo da viagem, a pose última do viajante”<sup>15</sup>, solitário, nesses espaços de ninguém.

Assim, o não-lugar, despersonalizado, é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço individualizado, lugar de eleição e poiso dos elogiadores do sedentarismo. Como Michel Onfray relata na sua obra *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, mais cedo ou mais tarde, cada um de nós sentir-se-á mais nómada ou sedentário, impelidos para o movimento constante ou para o imobilismo e as raízes. O autor aponta como origem desta dicotomia – “génese da maldição da errância”, como Onfray lhe chama – a origem bíblica enunciada nas páginas iniciais do *Antigo Testamento*, quando nos cruzamos com Abel e Caim, dois irmãos condenados à tragédia: um pastor (Abel) e um camponês (Caim), tendo o último, o fraticida condenado por Deus, a errar pelo mundo, logo aquele que era o sedentário, o camponês. “Deus amaldiçoa Caim e, como punição, o condena a vagar sem destino. Génese da errância: a maldição; genealogia da eterna viagem: a expiação”<sup>16</sup>. Assim, na sua visão, o viajante pertence à raça de Caim, e é um amaldiçoado: afinal, essa condenação está diretamente relacionada ao erro, ao pecado, sobrando ao viajante descendente da estirpe de Caim, uma viagem sem retorno, cumprindo a vontade punitiva divina e dos quais os ciganos, os nómadas dos diferentes desertos do globo e os vagabundos do planeta, se encontram condenados a realizar o seu destino, numa maldição eterna.

A energia que anima estas formas de vida tão distintas, estes dois arquétipos, é a mesma força que anima o resto do universo, e que as combina obscuramente em cada um de nós. Mas, como Onfray pergunta, o conceito de viagem ainda faz sentido, num mundo fortemente globalizado? Desta interrogação sobrevém a eterna oposição entre viajante e turista que não é mais de que um reflexo da sociedade pós-moderna: fazer turismo seria a opção protegida, a cadeira do espectador militante de seu próprio enraizamento, a constatação dos lugares-comuns ensinados pelos guias da agência de turismo, a “paixão comparatista”; por outro lado, viajar caracterizar-se-ia pela recusa dos clichês e dos instrumentos comparativos que imponham a leitura de um lugar com

---

<sup>15</sup> Marc Augé, Ob. Cit., p. 76

<sup>16</sup> Michel Onfray, *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, Quetzal, Lisboa, 2009, pp. 11-12

os referenciais de um outro, o que subentende um “deixar-se preencher pelo líquido local, à maneira dos vasos comunicantes”, como conclui o filósofo. Contudo, se a massificação da viagem, trazida pelo turismo de massas, redundava num produto comercializável, numa industrialização da deslocação, que tem como adjuvantes certo tipo de mediações – das quais se destaca a guia turística e o circuito organizado –, esta abundância terá “inebriado” a errância, e que, segundo alguns autores, lhe retira todo o fundo de verdade. E é universo que Urbain Jean-Didier referencia na sua obra *L’idiot du voyage*<sup>17</sup>, ensaio onde o autor afirma que o turista é o “idiota da viagem”, aquele que empresta uma má reputação ao seu verdadeiro sentido, não escapando por isso mesmo ao seu desprezo.

De cada uma das orientações – elogio da viagem ou apologia da sedentarização – abrem-se numerosas variações sobre o mesmo tema. Se, na primeira, o horizonte se apresenta imenso e infindas são as suas possibilidades, na segunda atitude, o alerta posiciona-se sobre uma zona de conforto que protege as asas de cera de Ícaro contra os calores fatais do mundo exterior ao seu reduto. Diante das múltiplas escolhas, o sujeito posiciona-se e escolhe. A mente, em constante busca pela moldura onde posiciona, opta por um caminho entre milhares, num mundo sem fronteiras e onde impera a visão, extracorpórea e imediatista, uma mobilidade, presencial ou virtual, a partir da qual se escolhe o sentido da viagem nos ilimitados percursos interiores de cada um.



A viagem, utópica ou real, relaciona-se de maneira íntima com o ideal socrático do *conhecer-se a si mesmo*, e que toda ela é, em suma, uma ontologia, uma arte do ser, uma poética de si. E viajar é também retornar, é também o movimento descendente do regresso a Ítaca: à casa, por outras palavras. Na realidade, como “animal inquieto”, o Homem encontra-se disposto a disseminar-se em partidas e regressos que lhe permitam um olhar de surpresa e conhecimento renovados perante a imensidão do mundo, entendendo a viagem como um momento num movimento mais geral — não como um movimento *per se*. Assim, viajar pode resultar tanto de um deslocamento, um afastamento da zona de conforto, como pode também acontecer a partir de uma aproximação à nossa própria subjetividade, dentro de quatro paredes e sem a

---

<sup>17</sup> Jean-Didier Urbain, *Obra Cit.*

interferência de elementos “alheios” à nossa vontade. Na afirmação de Kant transcrita por Bernard Edelman, “a casa, o domicílio, é a única muralha contra o horror do nada; ele encerra nos seus muros tudo o que a humanidade recolheu pacientemente nos séculos dos séculos; ela opõe-se à evasão (...) e a sua liberdade desabrocha no estável e no fechado, de modo nenhum no aberto e no infinito. A identidade do indivíduo é portanto domiciliária, e é por isso que o revolucionário, o que não tem eira nem beira, e portanto nem fé nem lei, condensa em si toda a angústia da errância”. Num elogio ao sedentarismo, esta posição seduz o Homem contemporâneo, permitindo um vasto conjunto de ecos que ressoam a vontade de cada um.

Numa época em que todos os destinos se tornaram possíveis, qual deles escolher, a qual deles renunciar? Entre todas as combinações inimagináveis há cada vez mais quem opte por, no seu porto de abrigo, viajar através da janela da tecnologia, qual Xavier de Maistre do século XXI. Afinal de contas, se há ensinamento contemporâneo na obra de Maistre é que o prazer que extraímos da viagem talvez dependa mais do estado de espírito com que a empreendemos do que com o destino que lhe fixamos.

Se é verdade que a época em que nos encontramos é “a” época das viagens, não é menos exacto que os turistas/viajantes se deslocam cada vez mais fechados nos seus trajectos utópicos em direcção ao “Paraíso Perdido” que, a existir, se encontra mais dentro de si do que num exterior de “exótico primordial”. Ainda assim, visitam lugares, atravessam continentes, palmilham países, impondo o seu olhar entendido sobre os destinos que pisam. Outros porém, vêm a viagem como uma aventura que não se esgota num destino preciso, que se encontra para além da deslocação real e do desconforto que ela muitas vezes implica, defendendo o imperativo de, através de um ecrã, fazer convergir todos os lugares do mundo, convencidos da inutilidade de uma mobilidade que os afastou do essencial e destacando a máxima de que “na viagem apenas se descobre aquilo que trazemos connosco”<sup>18</sup>. De facto, as novas tecnologias apenas permitem que nos “desloquemos” de outro modo ao interior de nós mesmos, não prejudicando a essência da viagem mas sim possibilitando uma outra forma de experienciar o mundo.

Mas ainda assim, alguém poderá dizer que a viagem não acontece?

### IMAGEM 3

---

<sup>18</sup> Michel Onfray, Ob. Cit. p. 27

## BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc, *Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Graus Editora, Lisboa, 2005
- MAISTRE, Xavier de, *Voyage autour de ma chambre*, GF Flammarion, Paris, 2003
- ONFRAY, Michel, *Teoria da Viagem, Uma Poética da Geografia*, Quetzal, Lisboa, 2009
- PERROT, Michelle, *História dos Quartos*, Teodolito, Lisboa, 2012
- ROCHE, Daniel, *Humeurs vagabondes, De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, Fayard, France, 2003